

**O MANUAL “METODOLOGIA DO ENSINO PRIMÁRIO”, DE
THEOBALDO MIRANDA SANTOS: ESTABELECENDO COMPREENSÕES
ACERCA DAS ORIENTAÇÕES QUE FIZERAM PARTE DA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES EM CAMPO GRANDE – MS¹**

Carlos Souza Pardim²

*Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
carsopardim@gmail.com*

Luzia Aparecida de Souza

*Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
luzia.souza@ufms.br*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo apresentar pesquisa concluída que teve como objetivo compreender, sob o filtro dos manuais pedagógicos, as orientações que fizeram parte da formação de professores nas Escolas Normais de Campo Grande – MS. Para tanto, esta pesquisa apoiou-se na metodologia da Hermenêutica de Profundidade, proposta por John B. Thompson, para a análise do manual Metodologia do Ensino Primário, usado na Escola Normal Joaquim Murtinho de Campo Grande. Como apontamento de análise foi identificado, entre outras coisas, que o manual se insere num período caracterizado pela preocupação em indicar quais os “melhores” meios de se ensinar. Além disso, foi percebido que este manual serviu como instrumento de divulgação do pensamento católico que tomou uma postura de depuração acerca das novas ideias educacionais.

Palavras-Chave: Theobaldo Miranda Santos. Manuais Pedagógicos. Escola Normal. Hermenêutica de Profundidade. Campo Grande (MS).

1. Introdução

O presente artigo tem como finalidade divulgar pesquisa já concluída. Esta pesquisa teve como objetivo *compreender, sob o filtro dos manuais pedagógicos, as orientações, nacionais e internacionais, que fizeram parte da formação de professores nas Escolas Normais de Campo Grande - MS.*

As escolas normais surgiram da necessidade de se formar professores capacitados, tendo em vista o suprimento das vagas nas várias escolas de ensino que vinham sendo criadas com a intenção de instruir a população.

¹ Esta pesquisa foi financiada pela CNPQ.

² Bolsista CAPES.

No Brasil a primeira escola normal foi criada no ano de 1835, na cidade de Niterói, província do Rio de Janeiro. Após a abertura desta escola normal, outras províncias do Império também criaram suas escolas normais. Estas escolas passaram por vários momentos de instabilidade, sendo que elas ora eram criadas, ora extintas, até começarem a se estabelecer a partir da década de 1870.

A primeira escola normal da cidade de Campo Grande, que neste período fazia parte do estado de Mato Grosso, foi criada em 1930, denominando-se, posteriormente, Escola Normal Joaquim Murtinho. Esta escola normal funcionou até 1937 quando, devido às reformas realizadas pelo Interventor Federal Julio Strubing Muller que assumiu o cargo durante a Ditadura do Estado Novo, foi fechada. Juntamente com esta escola, funcionou, também em Campo Grande, a Escola Normal Dom Bosco, coordenada por uma congregação de freiras católicas. Esta instituição teve o mesmo período de funcionamento que a Escola Normal Joaquim Murtinho.

Após dez anos sem escola normal, durante a intervenção de José Marcelo Moreira, esta volta a funcionar na cidade de Campo Grande. A primeira, sob a responsabilidade do governo, recebe novamente o nome de Escola Normal Joaquim Murtinho, a segunda, sob a responsabilidade das mesmas freiras acima citadas, recebe o nome de Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora.

Reis (2011), ao pesquisar sobre as escolas normais de Campo Grande, identificou na Escola Estadual Joaquim Murtinho um acervo de livros e atas referentes à escola normal de mesmo nome. Neste acervo, foram encontradas duas atas, uma referente ao ano de 1953 e a outra, ao ano de 1955, em que são apontados os manuais pedagógicos que seriam utilizados nos respectivos anos.

Os manuais pedagógicos foram importantes instrumentos de divulgação e conformação das principais ideias pedagógicas, didáticas e metodológicas dentro das escolas normais. Estes manuais funcionaram como um filtro, apresentando aos futuros professores aquilo que seus autores acreditavam ser a síntese dos mais importantes e necessários conhecimentos para se formar professores capacitados para o exercício de seu ofício. Estes autores estabeleceram, por meio de seus manuais, uma influência sobre os futuros professores na maneira de pensar e realizar a educação. Deste modo, os manuais pedagógicos colaboraram para a consolidação de práticas escolares que estão presentes até hoje nas instituições de ensino. (SILVA 2007).

Sabendo da importância destes manuais na formação dos professores, foi escolhido o manual *Metodologia do Ensino Primário*, de Theobaldo Miranda Santos, para se estabelecer possíveis compreensões acerca das orientações que estiveram presentes na formação de professores das escolas normais de Campo Grande. A escolha deste manual se deve pelo fato de este ter sido apresentado como um dos manuais que seriam utilizados na formação dos alunos desta escola normal tanto na ata de 1953 quanto na ata de 1955 pertencentes à Escola Normal Joaquim Murtinho³. Também foi identificado, por meio da pesquisa de Reis (2011), o uso de uma cartilha, desenvolvida pelo mesmo autor do manual aqui analisado, nas aulas desta escola normal. Além disso, foi encontrado um caderno de uma ex-aluna, pertencente a uma das escolas normais presentes em Campo Grande, em que se encontra um conteúdo bastante próximo daquele presente no manual de Theobaldo Miranda Santos.

Para a análise deste manual escolheu-se a *Hermenêutica de Profundidade*, desenvolvida por John B. Thompson. Esta escolha ocorreu pelo fato desta proposta de análise proporcionar a esta pesquisa uma articulação entre a análise interna do conteúdo presente no manual e o seu contexto de produção, conforme será apresentado a seguir.

2. Hermenêutica de Profundidade: uma proposta para análise de manuais pedagógicos

É em seu livro *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, que John B. Thompson apresenta sua proposta para a análise de formas simbólicas.

Formas simbólicas, segundo Thompson, são as “ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (1995, p. 79). Conforme este autor aponta, estas são caracterizadas por cinco aspectos, a saber: convencional, intencional, referencial, estrutural e contextual.

Uma forma simbólica é convencional por estar sujeita a regras e convenções que balizam a sua produção. Pode-se tomar como exemplo um advogado produzindo uma petição ao juiz. Ele deve seguir as regras estabelecidas pelo fórum para a elaboração de tal documento, deve entregar esta petição num prazo determinado, ao mesmo tempo, este

³ O manual “Metodologia do Ensino Primário”, não foi o único manual, deste autor, presente nas atas da Escola Normal Joaquim Murtinho. Além deste manual, foram encontrados os manuais: *Prática de Ensino* e *Manual do Ensino Primário*. Ambos presentes na primeira ata do ano de 1953.

advogado deve estar atento às normas gramaticais e ortográficas da língua na qual ele está inserido, deve, também, estar de acordo com o órgão que regulamenta a sua profissão no país. A quebra de uma destas regras pode trazer consequências graves ao processo defendido por este advogado e, até mesmo, a ele próprio.

Uma forma simbólica é intencional pelo fato de ser sempre produzida com uma intenção, um interesse. Elas são produzidas por um sujeito e para um sujeito. Tomando o exemplo do advogado, citado anteriormente, percebe-se que ele ao produzir a petição ao juiz tem o interesse de obter algo favorável a seu cliente.

Uma forma simbólica tem o aspecto referencial, pois ao ser construída sempre tem a finalidade de se referir, representar e dizer algo sobre determinada coisa. Pode-se tomar como exemplo o livro didático de matemática que, segundo Oliveira (2008), tem como objeto referencial a educação matemática.

Uma forma simbólica tem o aspecto estrutural por ser uma construção que apresenta elementos internos bem articulados entre si com o objetivo de dar algum significado ao que se quer transmitir. É esse aspecto que dá condições de analisar internamente uma forma simbólica.

Uma forma simbólica tem o aspecto contextual, pois é construída em contextos sociais historicamente estabelecidos e leva em si as marcas das relações sociais existentes neste ambiente. Além disso, as formas simbólicas também são recebidas por indivíduos inseridos em contextos sociais que podem se diferenciar daquele no qual a forma simbólica foi produzida. Compreender, ou não, uma forma simbólica depende das “capacidades” e dos “recursos” que o indivíduo é capaz de empregar para realizar a interpretação.

Partindo dos aspectos caracterizadores de uma forma simbólica, considerou-se, nesta pesquisa, os manuais e, mais especificamente, o manual Metodologia do Ensino Primário, de Theobaldo Miranda Santos, como formas simbólicas. Os manuais possuem um aspecto intencional por terem, em sua elaboração, a intenção de levar os conhecimentos pedagógicos aos futuros professores. Possuem um aspecto convencional, pois, ao serem escritos, devem se enquadrar nas exigências das leis que regulamentam a formação de professores, também seguem as regras de gramática que predominam no país em que foi produzida, além de outras possíveis convenções que determinam a elaboração deste manual. Têm uma estrutura interna articulada. A maneira como se inicia um conteúdo e a forma de se apresentar atividades, são exemplos de elementos que podem ser identificados e articulados nestes manuais. Ao serem produzidos se referem a algo ou a

alguma coisa. No caso do manual adotado para esta pesquisa tem-se que este se refere às metodologias de ensino propostas para a formação de professores. Por fim, os manuais pedagógicos são produzidos em contextos sociais e históricos que de uma maneira ou de outra influenciam/ influenciaram na sua produção.

Para analisar as formas simbólicas Thompson propõe três exercícios em articulação: a análise sócio-histórica, e análise formal ou discursiva e a interpretação/ (re) interpretação. Apesar desta distinção, estes três momentos de análise acontecem, por vezes, concomitantemente.

Segundo Thompson, a análise sócio-histórica consiste em “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, 366). Neste momento, busca-se compreender as condições nas quais a forma simbólica foi produzida, quais as intenções por trás de sua construção, que instituições estão interessadas na sua produção, quais foram as condições de recepção da forma simbólica. Para esta dimensão, Thompson levanta alguns aspectos que devem ser considerados, a saber: as situações espaço-temporais, os campos de interação, as instituições sociais, as estruturas sociais e os meios técnicos de construção e transmissão da forma simbólica.

Ao analisar o contexto sócio-histórico do manual de Theobaldo Miranda Santos, foram desenvolvidos estudos acerca dos acontecimentos políticos e sociais pertencentes ao período de produção da obra e das instituições envolvidas no processo de produção da obra (Editora, Governo, entre outros). Foram, também, levantadas as orientações que direcionaram a formação de professores no país e no estado de Mato Grosso.

A análise formal ou discursiva consiste em analisar as “características estruturais internas, seus elementos constitutivos e inter-relações, interligando-os aos sistemas e códigos dos quais eles fazem parte” (THOMPSON, 1995, p. 370). É o momento em que o pesquisador analisa a forma simbólica internamente estabelecendo suas compreensões.

Nesta pesquisa, foi realizada uma análise descritiva do manual *Metodologia do Ensino Primário, de Theobaldo Miranda Santos* em articulação com o conceito de *Paratextos Editoriais*, desenvolvido por Gerard Genette (2009), como forma de complementar/ apoiar a compreensão acerca da estruturação interna deste manual.

Segundo Genette, *Paratextos Editoriais* são todas as produções (um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, entrevistas antes e após a publicação de um livro, etc.) que, de uma forma ou de outra, reforçam e acompanham um texto “para torná-lo presente,

para garantir sua presença no mundo, na “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro [...] é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2009, p. 9).

Por fim, o terceiro movimento da Hermenêutica de Profundidade, denominado como Interpretação/ (Re) interpretação, consiste numa construção criativa de possíveis significados sobre a forma simbólica levantados na análise formal e sócio-histórica. Segundo Oliveira (2008):

É nesse momento que as relações entre a produção e as formas de produção, as influências do contexto sócio-político que interferiram no produto final [...] devem ser construídas. Não apenas nessa fase, mas muito fortemente nela, as relações ideológicas, as formas como o sentido é empregado para estabelecer e sustentar relações de poder, podem ser identificadas. (p. 43)

A seguir, apresentam-se alguns resultados acerca da análise do manual *Metodologia do Ensino Primário* realizada sob a perspectiva da Hermenêutica de Profundidade.

3. O manual *Metodologia do Ensino Primário*

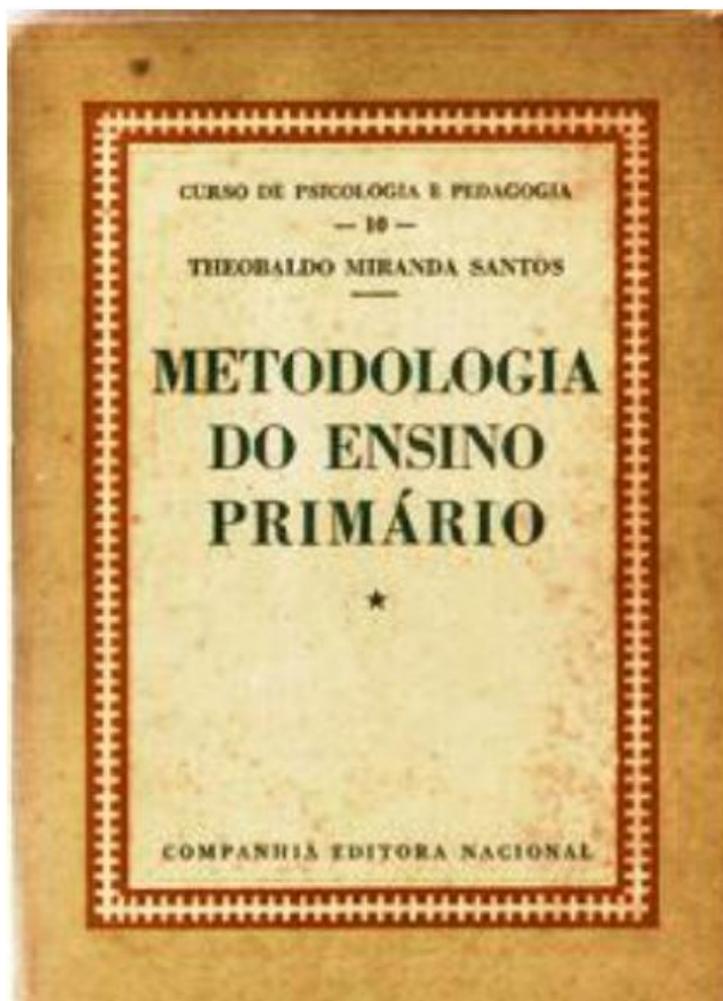
Theobaldo Miranda Santos, autor do manual *Metodologia do Ensino Primário* nasceu no ano de 1904, na cidade de Campos, estado do Rio de Janeiro. Este autor realizou seus primeiros estudos no Liceu de Humanidades e na Escola Normal Oficial. Ao mudar para a cidade de Juiz de Fora, ele fez o curso de Odontologia e Farmácia. Ainda em Minas Gerais foi professor da Escola Normal de Manhuaçu. Ao voltar para Campos desenvolveu trabalhos como professor no Liceu de Humanidades, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na Escola Superior de Agricultura e Veterinária e na Faculdade de Farmácia e Odontologia. Ao mudar para Niterói, Rio de Janeiro, foi professor no Instituto de Educação e da Universidade do Distrito Federal. Foi professor na Escola de Serviço Social e no Colégio Sion (Rio de Janeiro). Foi, também, da Universidade Católica do Rio de Janeiro e do Instituto de Educação da Faculdade de Santa Úrsula (RJ). Além de seu trabalho como professor, Santos assumiu alguns cargos administrativos no Rio de Janeiro (ALMEIDA FILHO 2008).

Santos, conforme Mortatti et al. (2009) foi autor de mais de 150 títulos de livros voltados para o ensino em diferentes editoras. Dentre estas se encontra a Companhia Editora Nacional responsável pela edição do manual *Metodologia do Ensino Primário*. O manual aqui analisado é a terceira edição, publicada pela Companhia Editora Nacional, no ano de 1952. Este manual é o décimo volume da coleção *Curso de Psicologia e*

Pedagogia, organizada pelo próprio autor. Esta coleção, segundo Almeida Filho (2008), passou por quatro (re) impressões, sendo que o manual usado nesta pesquisa pertence à primeira destas. Apesar de esta coleção ter sofrido apenas estas quatro impressões o manual *Metodologia do Ensino Primário*, passou por onze edições sem sofrer nenhuma alteração relevante em seu conteúdo (ALMEIDA FILHO 2008).

Este manual tem a capa original contendo as seguintes informações: o nome da coleção, o número do volume, o nome do autor, numa fonte bem maior é apresentado o título do manual e, bem mais abaixo, o nome da editora. Todas as informações estão centralizadas na capa, conforme a imagem abaixo:

Figura 1 – Capa do manual Metodologia do Ensino Primário



Fonte: Manual Metodologia do Ensino Primário, 3ª edição, ano 1952.

Observando a figura acima, tem-se uma noção de como é estruturada a capa dos outros manuais desta coleção. O que muda desta capa para as demais são as cores de suas margens, a cor da borda em que se encontram os temas e a cor das informações escritas.

Na escrita de seu manual, Santos opta pelo *onimato*, termo utilizado por Genette (2009) para indicar que o autor do livro (aqui no caso o manual) assina a autoria do livro com o seu nome civil. Segundo Genette (2009), a opção pelo *onimato* não deve ser tomada como insignificante. O nome do autor “é o meio de colocar a serviço do livro uma identidade, ou melhor, uma ‘personalidade’ [...]” (p. 41). Ainda segundo Genette, os efeitos do *onimato* não são necessariamente vinculados à necessidade de “notoriedade prévia”. Mesmo que o autor seja uma pessoa desconhecida a inscrição do seu nome revela outros traços que podem dar uma maior ou menor relevância à obra como, por exemplo, o seu sexo, perfil social, grau de parentesco com pessoa mais conhecida. Esta importância dada ao nome do autor varia conforme o gênero do livro.

Voltando para o manual aqui analisado, a presença do nome de Theobaldo Miranda Santos é de grande relevância, pois, além de ser autor de outros livros que, segundo Almeida Filho (2008), já eram conhecidos pelo público, ele é apresentado como professor e, portanto, como alguém que conhece a escola e sabe das necessidades e dificuldades que se enfrenta em uma sala de aula o que pode ter contribuído para que este manual tivesse um sucesso considerável, haja vista o número de reedições desta obra.

Observando o título do manual percebe-se que Santos, optou por um título, chamado por Genette (2009), temático. Um título é temático quando se refere ao assunto/conteúdo que será abordado no livro, como é o caso deste manual. Ainda a respeito do título deste manual, percebeu-se uma pequena alteração a partir da terceira reimpressão da coleção *Curso de Psicologia e Pedagogia*, em que o título passa a ter como acréscimo a expressão “Noções de”. Não foi encontrada nenhuma explicação plausível para tal mudança, mas pode-se inferir que a inserção desta expressão dá ao livro uma intenção menos ambiciosa a respeito do que se pretende apresentar.

Em seu prefácio, Santos (1952) aponta que, além de atender às disposições da lei orgânica do ensino normal, procura “completar a série de compêndios sobre psicologia e pedagogia” escrito para “candidatos ao magistério primário e secundário em nosso país” (p. 13). Santos, também, afirma que, mesmo tendo “uma estrutura sintética e elementar”, reúne “todos os problemas da moderna metodologia pedagógica” (SANTOS, 1952, 13) e “nada tendo de nôvo e original, este compêndio procura resumir e sistematizar os ensinamentos metodológicos dos melhores autores nacionais e estrangeiros”, e aponta que o seu livro tem como objetivo “auxiliar modestamente, aos jovens que, neste momento, se

preparam para a tarefa dignificante de educar as novas gerações brasileiras” (p. 13. Grifo nosso). A expressão “O autor” é utilizada para indicar o responsável pelo prefácio.

Este discurso “modesto” apresentado por Santos em seu prefácio, caracterizado pelas expressões “nada tendo de novo e original” e “auxiliar modestamente”, é, segundo Genette (2009), uma estratégia utilizada como forma de valorizar o texto. As aspas no termo “modesto” são necessárias, tendo em vista que, em seu texto de apresentação da obra, a perspectiva de reunir “todos os problemas da moderna metodologia pedagógica” (citada acima) alterna-se ao seu reconhecimento de uma modéstia própria.

Conforme vimos acima, já no prefácio do manual de Santos é possível perceber uma das influências que balizaram a sua produção: as disposições da Lei Orgânica do Ensino Normal. Esta lei, promulgada em 1946, faz parte de um conjunto de leis publicadas a partir de 1942 que ficaram conhecidas como “Reforma Capanema”. Conforme aponta Romanelli esta lei descentralizou administrativamente o ensino normal, contudo estabeleceu uma centralização das diretrizes e normas para implantação destas instituições de ensino.

Santos divide seu manual em duas partes: *metodologia geral e metodologia especial*. A *metodologia geral* é dividida em dez temas sendo discutidos num total de aproximadamente cento e vinte páginas. Estes temas recebem as seguintes nomeações: *Método, Métodos pedagógicos, Evolução dos métodos pedagógicos, Classificação dos métodos pedagógicos, Processos didáticos, Formas didáticas, Modos didáticos, Material didático, A lição, Métodos ativos e Escolas novas*. Cada tema é composto de dois a três tópicos, sendo cada um destes tópicos formado por subtópicos. Após a discussão de cada tema é apresentada uma lista de exercícios referentes ao texto trabalhado, notas e bibliografia.

A *metodologia especial* é, também, dividida em dez temas sendo discutidos aproximadamente num total de cento e vinte páginas. O que o autor chama de metodologia especial se apresenta, no desenrolar dos temas, como uma aplicação específica do método no ensino do conteúdo primário. Os temas desta parte recebem as seguintes nomeações: *Metodologia da leitura, Metodologia da escrita, Metodologia da linguagem oral, Metodologia da aritmética, Metodologia da geometria, Metodologia da geografia, Metodologia da história, Metodologia das Ciências naturais, Metodologia dos trabalhos manuais, Metodologia do desenho*. Estes temas são desenvolvidos em dois tópicos

denominados *caracteres gerais e técnicas de ensino*, seguidos de exercícios, notas e bibliografia conforme a primeira parte.

A partir das análises em torno do manual foi possível pontuar alguns possíveis direcionamentos acerca das orientações presentes no manual. Dentre os quais podem ser apontados a argumentação do autor ao defender que ensinar é levar o aluno a investigar por si mesmo; o necessário respeito às etapas de aprendizagem do aluno; a possibilidade do professor adotar métodos sem a necessidade de vincular-se aos princípios filosóficos que os fundamenta; a adesão a um método deve ser balizada pela personalidade do professor correndo o risco de tal método não atingir seu objetivo que no caso é a aprendizagem; a preocupação do autor em informar para o futuro professor quais os objetivos, os valores e as técnicas de ensinar as disciplinas voltadas para o ensino primário; o caráter prescritivo do manual.

A respeito do caráter prescritivo do manual, foi percebido que tal fato, possivelmente, pode ser justificado pelo momento de produção deste tipo de material caracterizado por Silva (2007) como de “*tecnização do ensino*”, no qual houve “uma tendência crescente (até pelo menos os anos de 1970) caracterizada por uma espécie de receituário de ensino, acompanhada de uma especialização cada vez maior da didática” (p. 274, grifo da autora).

Além do fato deste manual estar inserido num período específico de produção deste tipo de material, identificou-se que Santos, segundo Almeida Filho (2008), integrava um grupo de leigos pertencentes à Igreja Católica que procurou não apenas combater as novas ideias liberais representadas pelo movimento em favor da Escola Nova, mas também estabelecer uma pedagogia cristã divulgando os ideais do cristianismo católico.

O movimento da Escola Nova foi um movimento educacional que tinha como proposta a renovação do ensino no Brasil. Dentre estas propostas, conforme aponta Lamego (1996) existiam aquelas que contrariavam o pensamento da Igreja Católica como a co-educação dos sexos, a laicização do ensino e a responsabilização do ensino pelo Estado. Na década de 1930 as disputas em torno destes pontos foram bastante acirradas, porém, conforme aponta Carvalho (1994) a posição da Igreja Católica acerca da renovação do ensino no país não foi apenas reativo, muito pelo contrário esta instituição, por meio de seus membros leigos, tiveram grande importância na “configuração e difusão da pedagogia da Escola Nova no Brasil” (p. 41).

Sabendo da ligação de Santos com a pedagogia cristã foi percebido em seu manual alguns indícios que possibilitaram a inferência de sua postura ideológica. Um destes indícios pode ser apontado nas falas do autor a respeito da significação das escolas novas. Ao se referir a este movimento, o autor aponta que inicialmente foi tomado de *radicalismo*, *exaltação* e de *irracionalidade*. Essa afirmação foi interpretada como uma crítica às propostas de laicidade do ensino, de controle do Estado do ensino, entre outras que fizeram parte deste movimento e se contrapunham ao pensamento católico e, como já se sabe, este autor estava vinculado a este pensamento (ALMEIDA, 2008). Ainda observando as falas do autor, percebeu-se um movimento de depuração por parte deste ao propor uma *crítica realista e construtiva* do movimento de renovação educacional apontando os pontos de *exagero*, *afetividade* e *romantismo*.

Santos, ao discutir o ensino da aritmética em seu manual *Metodologia do Ensino Primário*, aponta, utilizando-se de citações de outros autores (Adolfo Rude, Carmen Gill, Everardo Backheuser e os programas do Distrito Federal), que o ensino da aritmética deve permear o cálculo em todas as situações vivenciadas pelo aluno. Santos, por meio de Adolfo Rude, aponta que o ensino da aritmética deve permear todas as situações reais da vida, ensinando o conhecimento quantitativo daquilo que rodeia a criança.

Sobre o ensino da geometria, Santos aponta, em seu manual pedagógico, que este pode ser trabalhado utilizando o *método analítico* ou o *sintético*. Segundo ele, o primeiro parte dos *corpos* para as *linhas* e o segundo, das *linhas* para os *corpos*. O autor ressalta que, apesar de não ser o método específico para se estudar a geometria, “o processo analítico é o único que deve ser utilizado na escola elementar” (1952, p.183). Segundo o autor, tanto o estudo da geometria quanto o da aritmética são interligados.

Santos, citando as falas de Floriano Rodrigues, assinala que ao ensinar as formas e relações geométricas deve-se privilegiar a *intuição* e a *descoberta*. O primeiro de dentro para fora e o segundo de fora para dentro. Somente se deve falar das formas geométricas ao apresentá-las e as relações ou princípios devem ser percebidos pela própria criança.

Conforme já foi apresentado, Santos foi autor de vários livros voltados para a educação/formação de professores primários, um destes livros destinados ao ensino primário fez parte das aulas dos professores primários na Escola Normal em Campo Grande. Trata-se da coleção *Vamos Estudar*, editada pela Livraria Agir Editora. O seu uso nas aulas dos futuros professores primários de Campo Grande foi identificado por Reis (2011). Segundo Zimmer, Boldo e Costa (2012), esta coleção é composta por quatro livros

didáticos, cada um voltado para as quatro séries do ensino primário. O livro referente à 3ª série era diferenciado das demais por ser destinado a cada região do país. Foi este livro, destinado aos estados de Goiás e Mato Grosso, em sua 15ª edição, que foi apresentado à Reis (2011) como sendo aquele discutido nas aulas da ex-normalista por ela entrevistada.

Sabendo que o manual aqui analisado fundamentava práticas de ensino de professores primários para alfabetização e que, em específico, este autor estruturou a cartilha *Vamos Estudar* com características regionais para orientar esses professores quanto à sua prática profissional e que, além disso, a cartilha *Vamos Estudar*, voltada para a região conhecida hoje como Centro-Oeste, foi utilizada nas aulas de prática de ensino, procurou-se nesta pesquisa compreender como Santos estruturou, ou em outras palavras, operacionalizou as suas propostas apresentadas no manual *Metodologia do Ensino Primário*.

Ao observar o livro “*Vamos estudar*”, mais especificamente, o conteúdo de matemática percebe-se que o autor desenvolve todo o seu texto apresentando definições, aplicação de exemplos que, no caso das operações, são acompanhadas de procedimentos de cálculo, inclusive para tirar a “prova real” e aplicação de exercícios. Além disso, foi percebido que no ensino das disciplinas de geografia e de gramática, leitura e redação o autor procurou organizá-las discutindo o contexto do aluno o que não acontece nas demais disciplinas abordadas no manual, especificamente, na de matemática. Preservando a ideia de que é uma ciência pura, sem afecções regionais.

Ao confrontar as propostas defendidas por Santos em seu manual, voltado para a formação de professores primários, e a forma de apresentação do ensino de matemática nesta cartilha, foi percebido que o autor não se utiliza de situações vivenciadas pelas crianças para se trabalhar os algoritmos das operações. Há, nesta cartilha, muito mais um estabelecimento de definições e de ênfase na memorização de procedimentos e regras. Além disso, no ensino da matemática, diferentemente do que se vê na parte denominada pelo autor de leitura, não há uma preocupação, por parte deste autor, em apresentar problemas que pelo menos mencione os estados para os quais esta cartilha fora desenvolvida.

O ensino da geometria, com exceção do conceito de ângulo, em que o autor apresenta como sendo formado pela abertura das folhas de uma tesoura para exemplificá-lo, é trabalhada, por ele, sem fazer correlação com a vivência da criança, principalmente, nos exercícios.

4. Considerações Finais

Procurou-se, neste artigo, divulgar pesquisa já concluída que teve como objetivo *compreender, sob o filtro dos manuais pedagógicos, as orientações pedagógicas que fizeram parte da formação de professores de Campo Grande*. Partindo deste objetivo apresentou-se argumentações favoráveis ao uso do manual pedagógico para se compreender tal cenário propondo, logo a seguir, a Hermenêutica de Profundidade como metodologia para análise do manual *Metodologia do Ensino Primário*, identificado nas atas da Escola Normal Joaquim Murinho, encerrando-se com a apresentação de alguns resultados obtidos ao analisar o manual de Santos.

A Hermenêutica de profundidade contribuiu para a compreensão da formação de professores primários nas escolas normais de Campo Grande, por proporcionar uma articulação entre a análise interna e o contexto de produção da forma simbólica aqui analisada.

Ao realizar a análise do manual *Metodologia do Ensino Primário* sob esta perspectiva, foi possível identificar importantes informações acerca de: como se pensava a educação, quais as políticas e objetivos do governo a este respeito, quais disputas ideológicas fizeram parte das discussões educacionais no período de produção da forma simbólica, quais instituições influenciavam a educação, qual grupo fazia parte o autor do manual e o que pensavam a respeito da educação, quais as concepções de ensino e educação que existiam, quais os objetivos do autor ao produzir esta forma simbólica, e que regulamentações orientavam a formação de professores no país e no estado, e, por meio da análise de outros materiais produzidos por este autor, identificar que usos o autor fez daquilo que foi estruturado em sua forma simbólica.

Como resultados de análise, percebeu-se que Santos, ao produzir a forma simbólica aqui analisada, contribuiu para a difusão das influências sofridas por ele em sua trajetória de vida conformando e divulgando práticas que possibilitaram a reflexão acerca de como trabalhar em sala de aula. Contudo, apesar da influência deste autor, é importante lembrar que a ação do futuro professor não é determinada por aquilo que é exposto no manual, principalmente pelo fato de que cada indivíduo possui uma trajetória de vida que, também, influencia na sua maneira de ler e entender o mundo.

Para finalizar, registra-se aqui que este estudo procurou contribuir para um projeto mais amplo, em que o grupo História da Educação Matemática em Pesquisa – HEMEP está

inserido, de mapeamento da formação de professores que ensinam matemática no país, dando indícios de suas referências sobre ensino, método e papel do professor.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Orlando José de. **A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945-1971)**. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. 368 p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. **Uso dos impressos nas Estratégias Católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935)**. Belo Horizonte: **Cadernos Anped**, 1994.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. 372p.

LAMEGO, V. **A farpa na lira: Cecília Meirelles na Revolução de 30**. Record, 1996. 255 p.

OLIVEIRA, F. D. **Análise de textos didáticos: três estudos**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro, 2008. 224 p.

REIS, Ana Carolina de Siqueira Ribas dos. **A formação de professores na Escola Normal Joaquim Murinho**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Monografia. Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, 2011.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Metodologia do ensino primário**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. p. 256.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. *Revista brasileira de educação*, v. 14, n. 10, p. 143 – 155, jan./ abr. 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em 17 fev. 12:09:00

SGARBI, Antonio Donizetti. **Igreja, educação e modernidade na década de 30. Escolanovismo Católico: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 1997.

SILVA, Vivian B. da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970).** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT02-2060--Int.pdf>>. Acesso em 02 dez. 12:44:00

SILVA, Vivian B. da. **Uma história das leituras para professores: Análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971).** *Revista brasileira de educação*, v. 12, n. 35, p. 268-277, mai./ago. 2007. Disponível: www.anped.org.br/reunioes/25/vivianbatistasilvat02.rtf. Acesso em 02 dez. 12:49:00

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995. 423 p.

VALDEMARIM, Vera Teresa & Campos, Daniela Gonçalves do Santos. **Concepções pedagógicas e método de ensino: O manual didático Processologia na Escola Primária.** *Paidéia*, v. 17, n. 38, p. 343 – 356. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n38/v17n38a05.pdf>>. Acesso em 02 dez. 2011. 12:51:00